

VULTOS FLUMINENSES

Luta Democrática. Rio, 19 maio 1968

SUMIDOURO E SEUS ESCRITORES

SANTOS LEVI

A TRANQUILA Sumidouro, iniciada em 1822 às margens do Rio Paqueta, tornou-se município em 1890 e a sede passaria a ter categoria de cidade em 1929. Fica o município entre Sapucaia, Carmo, Duas Barras, Cantagalo, Nova Friburgo, Teresópolis e Alem Paraíba, já em território mineiro, cuja sede é tão conhecida no Rio pelo seu bairro principal — Pôrto Novo.

Em Sumidouro se despenca a maior cachoeira do Estado do Rio, a majestosa "Cascata Conde D'Eu", grande potencial energético inexplorado em meio à floresta, a despeito dos esforços no sentido de usá-la, do atual prefeito Paulo Freitas.

De Sumidouro teremos a professora Maria José de Aguiar Vieira, da Faculdade de Odontologia da Universidade Fluminense, a professora mineira, mas ali criada, Maria Paula Almeida Coelho Neto, esposa do escritor Rogério Coelho Neto, o jornalista e assessor do governo estadual, João Luís Faria Neto, o escritor Luís Alberto Martins, os poetas Henrique Barandier e Antônio Joaquim Fernandes, além do músico Carolino Ribeiro de Moura.

Luís Alberto Martins nasceu no local denominado Barão de Aquino, de onde é também o ilustre promotor de justiça Sínesio de Aquino Pinheiro.

Nascido a 31 de janeiro de 1910, Luís Alberto Martins veio para o Rio aos 13 anos, trabalhando em firmas comerciais e aposentando-se pelo INPS:

Dêle falou Antônio Nilo Borges:

"Quando, menino-móço ainda, Luís Alberto Martins veio da sua bucólica e aprazível Sumidouro, na ilustre província fluminense de tão gloriosas tradições, para a turbilhonante São Sebastião do Rio de Janeiro, trazia já consigo o que se poderia chamar de predestinação retilínea, que o havia de lançar na senda de seus nobres ideais, caldeada na austeridade do lar paterno, de onde o jovem Luís trouxe, intactas, tôdas aquelas virtudes, todos aqueles predicados, tôda aquela base moral e educacional, que oxalá nunca faltasse aos lares do Brasil — e em todos os lares do Mundo!".

Chegando ao Rio, o menino perguntou por uma rua a um transeunte e este lhe informou, mandando seguir em "linha reta". As palavras bailaram anos no seu cérebro e seriam a base de seu trabalho com os programas na Rádio Mundial em 1957, na Rádio Mauá, e, atualmente, na Rádio Copacabana e Rio de Janeiro, além de sua coluna permanente, aos domingos, no matutino "O Dia".

Autodidata, Luís Alberto Martins tem como base de seu roteiro, a educação, o trabalho e o altruísmo, fazendo campa-

nhas espíritas como "Caravana do Amor", "Faça de seu lar uma escola" e outras.

Autor dos livros "Fraternidade", "Cânticos de Amor em Linha Reta", "Mensagens em Linha Reta", lembrou-se de Sumidouro, e de sua meninice na Fazenda de Itororó:

"Ao evocar o ritmo harmonioso de uma canção, eu re-vejo meu velho e querido Itororó, dos tempos de garoto e que assistiu o início de minha jornada. E não posso impedir que pequenas e singelas lamentações emanadas de um coração sensível, realcem a saudade que sinto do querido sertão".

HENRIQUE BARANDIER DOS SANTOS, sobrinho do desembargador Rizzo Barandier, nasceu em Palma, Minas Gerais, a 24 de setembro de 1924, estudando em Ubá, a querida terra de Ari Barroso. Vive, porém, em Sumidouro, sendo escrivão da Coletoria estadual, embora venha funcionando como coletor desde 1963, pois o cargo está vago, sem assumilo, apesar de ser herói da FEB, ferido em combate e portador de medalhas brasileiras e americanas.

Mineiro de nascimento, mas fluminense de coração, Henrique Barandier escreveu:

A capela de meu peito,
Catedral de sentimento,
Tem altar, somente feito
De dor e de sofrimento.

Outro poeta, embora já falecido, é o sumidourense nascido no final do século passado — ANTÔNIO JOAQUIM FERNAN-

DES — que foi farmacêutico e músico da antiga Banda de Sumidouro, escrevendo no jornal "A Luta", que circulava no município, na década de 1910/20. Dele é o soneto "Deísmo", com certo caráter panteísta, como se vê:

Deus, seguindo-se a má filosofia
De antiquados doutores, tolerentes,
É um ente igual ao homem nos talentos
De exercer a suprema tirania.

Senhor que o céu habita noite e dia
Na sua mão divina enfeixa os ventos,
Os mares ondulantes, os portentos,
De quanto do Universo, na harmonia;

Autor do espaço infinito, eterno e nobre
Da opulência dos astros, no desdobre,
Palpitantes dos ares na beleza,

Tudo encerrando em si, o Criador
De tanta maravilha no esplendor
Só pode ser a mesma natureza.

CARCLINO RIBEIRO DE MOURA nasceu em 31 de dezembro de 1889 na Fazenda Boa-Fé, próximo a Barão de Aquino, filho do dr. Augusto Vespasiano de Moura e dona Carolina Ribeiro de Moura.

Estudou no Colégio Anchieta de Nova Friburgo e na Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro.

Dividiu em Sumidouro a medicina com a música e o magistério. Professor do Ginásio São José e da Escola Normal N. S.ª das Graças do Ilustre educador — o monsenhor Ivo Santi-Donin, é médico credenciado pelo INPS, aposentado pelo governo estadual e regente da Banda 31 de Dezembro, cujo nome é em homenagem à data de seu nascimento.

Autor de dobrados militares, valsas e sambas, Carolino é autor da música do Hino a Sumidouro, cuja letra é do seu inolvidável amigo Antônio Joaquim Fernandes, do qual extraímos estes versos:

Coleantes qual dorso de serpe
A jogar sobre as margens vigor,
Paquequer, Paquequer, fero ou manso
Dás a vida, a beleza, o esplendor.
E a cascata, sonora e vibrante
Indo em volta os vergéis acordar,
Lá despensa do cimo da rocha
Algodão esgarçado a orlar.